

Jess Michaels

# SEDUÇÃO PERIGOSA

Tradução  
Carmo Vasconcelos Romão

*Quinta Essência\**



# Capítulo 1

*1819*

– Temos de deter essa mulher.

Jeremy Vaughn, duque de Kilgrath, ergueu os olhos do seu cálice de porto, franzindo a testa ao ver o seu amigo Anthony Wharton entrar de rompante na sala privada do Clube Worthington.

– Que mulher? – perguntou antes de chupar longamente o charuto.

David Forster, marquês de Chartsford, olhou-o admirado.

– Valha-me Deus, Kilgrath, como «que mulher»? Estamos a falar de Penelope Norman.

Anthony acenou com a cabeça, com uma expressão ainda mais aborrecida.

– Exatamente. Essa mulher é uma ameaça demoníaca.

Jeremy encolheu os ombros, esmagando os restos do charuto num cinzeiro de prata enquanto imaginava Lady Norman. Com a sua figura flexível, o cabelo loiro comprido e solto e os olhos azul-turquesa, Penelope não seria exatamente uma mulher que um homem com os seus apetites pudesse ignorar. E, mesmo que o pudesse, a sua recente cruzada contra o excesso de sensualidade

dos homens da alta sociedade estava a fazer dela o tema de conversa de todos os salões.

Mesmo assim, mal podia acreditar que valesse todo aquele alvoroço. Viera ao Worthington encontrar-se com os amigos para evitar aquele tipo de tagarelice idiota.

– Que efeito poderá ter uma única mulher? – perguntou com delicadeza.

Os outros cinco homens presentes na sala fitaram-no. Eram os seus melhores amigos. Todos homens abastados, exceto Ryan Crawford, cujo pai o deserdera anos antes. Todos eles homens de apetites. Usufruíam de todas as vantagens postas à disposição pelos seus nomes e riqueza. Principalmente quando tinham a ver com mulheres.

Designavam-se «os Nunca», um nome idiota sugerido pelo irmão mais novo de Jeremy, Christopher, depois de uma noite de bebedeira em que todo o grupo jurara nunca mudar, hesitar ou amar.

Até aí, o irmão de Jeremy fora contra o juramento. Christopher casara seis meses antes e, nessa noite, era o único ausente. Jeremy estremeceu só de pensar.

Por fim, Anthony soltou uma ofendida exclamação de desdém.

– Que efeito poderá ter? Serás obtuso? Essa mulher roubou-me a amante.

Jeremy disfarçou uma gargalhada, mas só porque sabia que o assunto era penoso para o amigo.

– Então, Wharton – disse Ryan Crawford recostando-se numa cadeira de couro. – Exageras um pouco. Ages como se Lady Wharton entrasse de rompante e raptasse Fiona. Ela foi por vontade própria.

Nathan Ridgemont, marquês de Dunfield, lançou a cabeça para trás numa gargalhada.

– Talvez pensasse que essa tal Penelope a satisfizesse mais.

Jeremy teria passado algum tempo a desfrutar da imagem extraordinária que lhe penetrara no espírito ao ouvir tal

afirmação, mas foi impossível. Anthony lançou-se furiosamente a Dunfield e a sala explodiu em gritos enquanto separavam os dois. Jeremy agarrou Anthony pelos braços e puxou-o para trás apesar da resistência do amigo.

– Wharton – vociferou. – Vá lá, sabes que Dunfield está só a ser estúpido.

– E não foste o único afetado – exclamou Chartsford, quando Anthony deixou de se debater para se libertar e alguma calma voltou à reunião. – A minha mulher, que sempre foi tão flexível e nunca se preocupou onde eu ia ou com quem, incomoda-me de dia e de noite exigindo que eu deixe a minha amante. Tudo por causa dessa maldita mulher.

Jeremy soltou lentamente Anthony e recuou. Wharton era o mais parecido que tinha com um melhor amigo desde que Christopher o abandonara pelos prazeres da casa e do lar. Jeremy tivera dificuldade em relacionar aquele homem zangado e de rosto corado com o normalmente descuidado cavalheiro a quem chamava amigo. Na verdade, Penelope Norman era mais do que um incómodo para Wharton. Representava a mais profunda humilhação daquele homem.

– Que sugerem que façamos com ela? – perguntou o visconde Lockwood do canto em que sossegadamente se sentara, observando a alteração. Fora o único a não interferir na contenda.

Chartsford e Anthony trocaram olhares que significavam o que gostariam de fazer a Penelope, mas nada disseram. De facto, foi Dunfield quem avançou.

– Somos seis aqui – disse com um sorriso. – Todos com uma certa reputação. Certamente um de nós poderia fazê-la mudar de ideias e pôr fim a essa intromissão.

– Como – perguntou bruscamente Wharton com ar aborrecido. – Qual é o teu plano, se é que tens algum?

Dunfield encolheu os ombros.

– A sedução pode ser uma maneira. Abriria a porta à chantagem ou à denúncia.

– Seduzi-la? – berrou Chartsford, abanando violentamente a cabeça. Nada provável. Não é sem razão que lhe chamam a Rainha de Gelo.

– Experimentámos com ela e não conseguimos, não é verdade? – perguntou Jeremy, erguendo o copo e bebendo lentamente outro gole de porto.

Chartsford olhou-o, mas não o contradisse. Enquanto os outros começaram a debater o assunto, Jeremy deixou que o seu pensamento deslizasse de novo até Penelope Norman.

Nunca concordara que o epíteto de Rainha de Gelo se adequasse. Aparentemente, seria fria e distante, mas, nos últimos dois anos, observara atentamente a jovem. Vira-a a olhar para todos à sua volta. E, por vezes, quando pensava que ninguém estava a ver, percebera-lhe no olhar uma centelha de luxúria. Desejo *insatisfeito*, mesmo antes de o marido bater a bota no ano anterior.

Não, Penelope Norman não era uma rainha de gelo. Ou, se o era, derreter-se-ia com o homem certo.

– Então, Kilgrath, tira uma palhinha – exclamou Anthony, afastando-o dos seus pensamentos.

Jeremy olhou para o amigo com enorme surpresa. Enquanto estava imerso nos seus pensamentos, o amigo tinha reunido um pequeno feixe de paus de fósforo e segurava-o na mão, ansioso.

– Não estás a falar a sério – comentou Jeremy, recuando.

Anthony avançou, apertando o punho.

– Sim, que diabo! Essa cabra roubou a minha amante e se continuar essa cruzada contra os homens como nós, não seremos só eu e o Chartsford a sofrer. Quero detê-la, seja como for. E somos os únicos com coragem para o fazer. Tira um fósforo.

Normalmente, Jeremy teria dito mais qualquer coisa, mas absteve-se pois o amigo parecia tão sério e zangado. Estendeu a mão e puxou um pauzinho. Estremeceu ao ver que era muito curto.

Anthony sorriu cinicamente e passou a Dunfield. Todos os homens do círculo puxaram um, todos eles maiores que o de

Jeremy. Quando Anthony abriu a mão para mostrar o último, Jeremy já adivinhara o resultado do jogo.

Ficou a olhar para o pauzinho que tinha na mão, uma fina lasca de madeira que selara o seu destino.

– Não tens de aceitar essa sugestão ridícula de a seduzir – disse Anthony, deixando-se cair numa cadeira e bebendo um gole de uísque. – Podes ameaçá-la. Agora que o marido morreu está sozinha neste mundo. Tem apenas um familiar com alguma influência: a irmã, condessa de Rothschild. E ouvi dizer que não se davam desde que Lady Norman faz parte da sociedade londrina.

Jeremy aproximou-se da lareira, abanando a cabeça e lançou a lasca de madeira para o lume.

– Posso ser muita coisa, cavalheiros, mas nunca desci a ameaçar uma mulher. Não. Tenho a certeza de arranjar um modo mais agradável de convencer a adorável Lady Norman de que deve abandonar a sua cruzada contra a sensualidade ilícita.

Ficou a olhar para as chamas enquanto estas devoravam um tronco e a pensar sobre o que fora escolhido para fazer. Seduzir Penelope Norman para a manipular.

Esperou ser invadido pelo medo ou pela fúria. Mas nenhum destes sentimentos surgiu nele. Certamente já teria levado para a cama parceiras mais dispostas, mas não era homem para recusar um desafio.

E Penelope Norman era um desafio extraordinário. Por baixo de um exterior formal, adivinhava-se uma mulher hipócrita e sensual. Bastava-lhe revelar essa faceta. Assim que sucumbisse aos seus desejos carnavais, seria fácil fazê-la ver que não estava certo meter-se nos assuntos alheios. Ou, na pior das hipóteses, poderia recorrer à chantagem, conforme Dunfield anteriormente sugerira.

De qualquer forma, a sedução poderia vir a ser extraordinariamente agradável. Desde o casamento de Christopher, Jeremy sentia-se inquieto, até aborrecido, com a vida que levava.

Separara-se de duas amantes nos últimos seis meses e sentia uma evidente falta de interesse pelas cantoras de ópera, bailarinas e viúvas maliciosas que lhe caíam aos pés.

Não que não sentisse prazer, mas não era a mesma coisa. Sim, arruinar a reputação de Penelope parecia o ideal para fazer voltar o antigo entusiasmo.

– Então, qual é o teu plano, Kilgrath? – perguntou Dunfield, aproximando-se de Jeremy com um novo cálice de porto. – Como tencionas cair nas boas graças da Rainha de Gelo?

Jeremy sorriu e bebeu um gole de vinho.

– O meu plano é complicado, meus senhores. Vou simplesmente converter-me à causa dela.

Lady Penelope Norman estava no canto do salão de baile, observando um mar de gente balançando ao som da orquestra. Todos pareciam tão felizes em seu redor, tão satisfeitos.

Mas ela não. Sentia-se tensa. Triste. Uma espécie de raridade em exposição. E a sensação era perfeitamente desagradável.

– Está a ver, Lorde Billingham desprezou-a! – segredou-lhe a mãe, Dortha Albright, em voz tão alta que todos a ouviram quinze passos em redor. – É a décima pessoa a fazê-lo esta noite.

Penelope suspirou.

– Não exagere, mãe – murmurou sem a olhar.

A mãe puxou-lhe um braço e Penelope voltou-se. O rosto de Dortha ruborizara-se de indignação e tinha os olhos azuis, tão parecidos com os de Penelope, muito abertos.

– Não é um exagero! Tenho estado a contar – os braços da mãe apertavam-lhe o braço quase a magoando. – O seu comportamento está a expô-la a certos comentários e a afastá-la de alguns círculos da sociedade.

Penelope apertou os lábios. Nem sequer quisera estar presente naquela festa, mas Dortha insistira, dizendo que o



acontecimento era importante para Beatrice e Winifred, as duas irmãs solteiras de Penelope.

Infelizmente, nenhuma delas dançava, o que parecia incomodar ainda mais a mãe.

– Se não quer pensar em si e na possibilidade de casar de novo, pense nas suas irmãs. A sua pequena cruzada prejudica-as, pois atrai sobre si atenções desagradáveis. – A mãe soltou-a e cruzou os braços. – Os homens gostam que as suas esposas sejam domáveis. Gostam que as suas esposas finjam que não percebem. Não gostam que as suas esposas pronunciem a palavra – aqui a mãe baixou a voz – «amante», muito menos que discutam com eles por terem uma. Penelope...

Penelope passou a mão pela testa que subitamente lhe latejava.

– Sim, mãe. Estou a ouvi-la e metade da sala também – sussurrou. – Vou beber qualquer coisa.

Afastou-se de Dortha antes que a mãe pudesse dizer o que quer que fosse e abriu caminho entre a multidão.

Como diabo tinha dado início àquela cruzada? Era uma pergunta que fazia a si própria pelo menos uma vez por dia. Não tencionara tornar-se a porta-voz contra os excessos sexuais da alta sociedade. Tivera simplesmente uma animada discussão com os membros da Sociedade das Senhoras. Depois mais mulheres tinham querido partilhar com ela as suas ideias acerca do comportamento masculino fora dos laços do matrimónio. E depois ainda mais.

De repente, tudo aquilo se transformara numa bola de neve rolando descontrolada até que começaram a chamar-lhe demónio e salvadora, por vezes no mesmo tom. Havia homens da alta que lhe sussurravam e mulheres que lhe apertavam a mão e lhe diziam o muito que lhe agradeciam o seu «trabalho».

Penelope abanou a cabeça. Pois bem, não importava como chegara àquele ponto. O facto é que era agora a voz contra a infidelidade e a sexualidade desenfreada. E acreditava na sua causa.

Vira certamente e sentira em primeira mão o tipo de poder maldoso que o homem podia exercer com o sexo. A sua vida fora irrevogavelmente alterada por dois homens que o tinham feito.

– Boa noite, Lady Norman.

Penelope deteve-se, imobilizada pelo som de uma voz que conhecia tão bem, apesar dos esforços para a evitar e ao homem a quem ela pertencia. Transformou a sua expressão numa máscara gelada e encarou Jeremy Vaughn, duque de Kilgrath.

Embora contrariada, teve de sustentar a respiração. Acontecia-lhe sempre que via aquele homem. Era muito belo, não havia outra maneira de o dizer. Com cabelo negro suave e displicentemente encaracolado na testa, um maxilar severo e forte, lábios sensuais que pareciam esboçar constantemente uma expressão de troça, tudo nele era pura perfeição.

Mas eram os olhos que se destacavam nele e que assustavam Penelope até ao âmago, fazendo o seu corpo estremecer com um leve mas inconveniente desejo. As sobrancelhas escuras e as longas pestanas emolduravam uns olhos do verde mais extraordinário que ela alguma vez vira. Tão escuros que eram quase da cor das esmeraldas e cintilavam com uma sensualidade que representava tudo a que ela se opunha.

O homem era sexo e pecado num só corpo. E levava uma vida à altura do que sugeriam o seu belo rosto e o seu corpo forte e de formas magníficas. Todos conheciam a sua reputação, até as meninas solteiras que eram geralmente protegidas de tais coisas. Mas quem poderia olhar para ele e não ver que se tratava de um homem de apetites sensuais escaldantes? Um homem que gozava da admiração de inúmeras mulheres.

Havia anos que mulheres de todos os níveis e posições se lançavam aos pés dele. Circulavam discretamente histórias acerca de encontros amorosos em salões das traseiras, comportamentos pecaminosos em festas no campo e até uma relação pública num palco de Londres com uma despudorada atriz, depois de terminada a peça em que representava e o público ter ido para casa.

Era aquele o seu inimigo.

E Penelope estremeceu quando uma nova onda de desejo fez dela uma hipócrita consumada. Pior, Kilgrath sorria como se soubesse exatamente aquilo em que ela estava a pensar.

Penelope apertou os lábios.

– Boa noite, senhor duque.

Ele sorriu ainda mais e a sua expressão maliciosa aumentou enquanto passeava indolentemente o olhar por ela. Penelope conteve a necessidade de cruzar os braços para se proteger e ergueu uma sobrancelha.

– Tenho de admitir a minha surpresa por se dirigir a mim, Lorde Kilgrath – disse ríspida. – A maioria dos seus amigos está prestes a atirar-me com fruta podre.

O sorriso dele diminuiu um pouco e ele inclinou a cabeça.

– Sim, já ouvi falar. Não é frequente uma dama da sua posição encarregar-se de uma causa e muito menos de uma que afete as conquistas de aristocratas.

– Talvez devesse acontecer mais vezes – Penelope abanou a cabeça. – Lamento ser indelicada, senhor duque, mas, se veio insultar-me ou ameaçar-me, peço-lhe que se contenha. Já ouvi o suficiente para a vida inteira. Considere que tomei o devido conhecimento do litígio que tem comigo.

Dando meia volta, Penelope preparava-se para se ir embora, mas, antes de conseguir dar um passo, uma mão forte rodeou-lhe o antebraço. Sentiu-se sufocar ao toque de Kilgrath e imediatamente se voltou para ele soltando-se dos seus dedos.

– Peço desculpa, minha senhora – disse ele em voz baixa, erguendo as mãos num gesto de rendição. – Mas entendeu mal as minhas intenções.

Penelope franziu a testa. Não tinha a mínima confiança naquele homem, embora a sua expressão parecesse perfeitamente sincera. De facto, parecia franco e simpático. Era a primeira vez que, desde que dera início à sua «cruzada», via uma expressão assim no olhar de um homem daquela posição.

– Ah sim? – perguntou cautelosa, sem querer ceder no que quer que fosse.

Ele acenou com a cabeça.

– Podemos falar em particular?

Ela susteve a respiração. Ir sozinha com aquele homem era o equivalente a despir-se completamente para dançar nua no meio do salão. E ele sabia-o.

– Não sou uma bailarina ingênua que possa seduzir, Kilgrath – ripostou ela com as mãos nas ancas. – Sabe as consequências de ser vista a sair desta sala consigo. Se o seu plano é desacreditar-me, não vai dar resultado.

Ele abanou a cabeça.

– Não estou a tentar desacreditá-la, Penelope.

Ela estremeceu ao ouvir o seu nome nos lábios dele. Fora tão íntimo como tocá-la. Mas, antes de o corrigir, ele continuou.

– Estou a tentar dizer-lhe que apoio a sua causa.